

Assistência de enfermagem frente à violência obstétrica: Um enfoque nos aspectos físicos e psicológicos**Nursing assistance in front of obstetric violence: A focus on physical and psychological aspects**

DOI:10.34117/bjdv6n10-703

Recebimento dos originais: 30/09/2020

Aceitação para publicação: 30/10/2020

Aline da Silva Melo

Graduanda em Enfermagem pela Faculdade Estácio de Alagoas
Endereço: Travessa João Prudêncio da Costa, Boca da Mata-AL.
E-mail: alinneline3@gmail.com

Sidiane Bezerra Santos da Silva

Gaduanda em Enfermagem pela Faculdade Estácio de Alagoas
Endereço: Travessa Pedro João Pereira, Boca da Mata-AL.
E-mail: sidianebm@hotmail.com

Felipe Bezerra da Costa

Graduado em Educação Física pela Faculdade Estácio de Alagoas
Endereço: Rua Pedro Vieira da Graça, Boca da Mata-AL.
E-mail: felipematbm@hotmail.com

Maria do Socorro Alécio Barbosa

Mestre em Ciências da Saúde. Assistente Chefe do Setor do TRT 19^a- AL.
Docente da Universidade Estadual de Ciências da Saúde de Alagoas (UNCISAL).
Endereço: Rua Prof. Silvio de Macedo, 49, Apt. 203, Jatiúca, Maceió-AL
E-mail: socorroalecio@gmail.com

Kelly Cristina do Nascimento

Mestra em Ergonomia pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE).
Endereço: Rua Prof. Vital Barbosa, 231, Apt. 502, Ponta Verde, Maceió-AL
E-mail: kcn.auditoria@gmail.com

Rosane Pereira dos Reis

Doutora em Biotecnologia em Saúde pela Universidade Federal de Alagoas – UFAL
Graduada pela Faculdade Estácio de Alagoas. Enfermeira.
Endereço: Av. Pio XII, 350 Jatiúca Maceió-AL, Brasil
E-mail: rosane_pr@hotmail.com

RESUMO

A violência obstétrica é qualquer ato invasivo contra a mulher ou o bebê na hora do parto, caracterizando este como pouco humano, constrangedor e marcado pela ocorrência de intervenções desnecessárias e violentas, que transforma a experiência de dar à luz e nascer em um experimento apavorante. Objetivo desse trabalho é Descrever a assistência de enfermagem frente à violência obstétrica tendo como enfoque os aspectos físicos e psicológicos. Trata-se de uma revisão integrativa

de literatura, com abordagem qualitativa, onde o levantamento bibliográfico foi realizado no ano de 2020, por meio das seguintes bases de dados: Medical Literature Analysis and Retrieval System Online (MEDLINE), Literatura Latino-Americana Caribe em Ciências da Saúde (LILACS), Bases de dados em Enfermagem (BDENF), através do portal da Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), totalizando treze artigos para amostra. Os resultados evidenciaram que muitos casos de violência obstétrica ocorrem por falta de conhecimento da equipe de saúde sobre os atos, os profissionais, principalmente os enfermeiros acabam que não identificam eles como sendo uma violência contra a parturiente. Concluímos que a violência obstétrica pode ser caracterizada como física ou psicológica e é cometida dentro dos hospitais, maternidades por parte dos profissionais da saúde, principalmente enfermeiros e médicos, com isso torna-se fundamental que o enfermeiro ofereça uma assistência humanizada que respeite os direitos das mulheres na hora do parto.

Palavras-chave: Assistência de Enfermagem, Enfermagem Obstétrica, Parto, Saúde da Mulher, Violência.

ABSTRACT

Obstetric violence is any invasive act against the woman or baby at the time of delivery, characterizing it as little human, embarrassing and marked by the occurrence of unnecessary and violent interventions, which transforms the experience of giving birth and being born in a terrifying experiment. The objective of this work is to describe nursing care in the face of obstetric violence, focusing on physical and psychological aspects. This is an integrative literature review, with a qualitative approach, where the bibliographic survey was conducted in 2020, through the following databases Medical Literature Analysis and Retrieval System Online (MEDLINE), Latin American Caribbean Literature in Health Sciences (LILACS), Nursing Databases (BDENF), through the portal of the Virtual Health Library (VHL), totaling thirteen articles for the sample. The results showed that many cases of obstetric violence occur due to lack of knowledge of the health team about the acts, professionals, especially nurses, end up not identifying them as violence against the parturient. We conclude that obstetric violence can be characterized as physical or psychological and is committed within hospitals, maternity hospitals by health professionals, especially nurses and physicians, thus it is essential that nurses offer humanized care that respects women's rights at the time of delivery.

Keywords: Nursing Care, Obstetric Nursing, Parturition, Women's Health, Violence

1 INTRODUÇÃO

A maternidade trás com ela um grande processo de mudança, ou seja, é uma experiência com várias descobertas, é algo que irá mudar para sempre a vida de uma mulher. É nesse sentido de transformação que surge o medo e a ansiedade em saber como será o parto e de como ficará sua vida assim que a criança vir ao mundo (MOURA *et al.*, 2009).

Antes, o parto era realizado no seio familiar, onde as mulheres eram bem cuidadas pelas parteiras, e não existiam métodos para acelerar esse processo, pois era tudo esperado em seu curso natural. Com o passar do tempo foram acontecendo mudanças, e essas se tornaram significativas, pois foram tendo, formas de dar a luz, como: Parto Cesário, Humanizado, Natural e entre outros. Outra importante mudança foi à presença de um profissional médico/enfermeiro obstetra nas maternidades para que assim fosse dada uma maior assistência às parturientes (MOURA *et al.*, 2019).

Ainda de acordo com o autor supracitado, as mudanças para melhor são sempre bem vindas, pois existem benefícios à mulher, porém não deixou de vir ou desencadear os malefícios, onde evoluiu para a desumanização, abrindo as portas para o que chamamos de violência obstétrica, onde se faz presente no cotidiano das parturientes, e trás, com ela serias consequências essas que são de origens físicas e psicológicas.

Diante desse contexto, é importante ressaltar que a violência obstétrica é qualquer ato invasivo contra a mulher ou o bebê na hora do parto, caracterizando este como pouco humano, constrangedor e marcado pela ocorrência de intervenções desnecessárias e violentas, que transforma a experiência de dar à luz e nascer em um experimento apavorante, aonde as mulheres chegam a se sentirem impotentes diante do que acontece (JOJOA-TOBAR *et al.*, 2019; SENA; TESSER, 2017).

Além disso, a realização de diversos procedimentos invasivos como a manobra de Kristeller, episiotomia, uso de ocitocina, restrição da posição da gestante no leito, e os exames de toques abusivos, são comumente sem a aceitação da mulher e as devidas informações da importância de sua necessidade, ocasionam violência obstétrica, pois geram riscos a saúde da mulher (ROCHA; GRISI, 2017).

Muitas vezes o sofrimento da mulher é visto como “frescura” por parte da mesma na hora do parto, além disso, elas são vítimas de violências psicológicas que são aplicadas em forma de piadas machistas, palavras de baixo escalão, tratamento grosseiro, humilhação e desrespeito, acarretando em traumas e até depressão pós-parto em muitos dos casos por conta da angústia que é sofrida neste momento tão importante de sua vida (SILVA; SILVA; ARAÚJO, 2017).

Segundo Silva, Silva e Araújo (2017) cada parto é único e tem suas características, com isso o enfermeiro deve estar preparado para qualquer acontecimento que venha a ocorrer, a segurança, conhecimentos humanos e científicos, cuidados éticos são de grande importância para que esse profissional possa transmiti-los positivamente em benefício do bom trabalho e tranquilidade a gestante.

De acordo com Matoso (2018) toda gestante tem direito de receber tratamento livre de danos e maus-tratos, receber informações, ter ciência de seus direitos a escolhas e preferências, inserindo acompanhante durante a internação, sendo tratada com respeito por toda a equipe, receber todos os cuidados necessários, tratamento igualitário, e ser livre de discriminações. Qualquer ato desrespeitoso, abuso ou maus tratos equivale a uma violação dos direitos fundamentais das mulheres (OMS, 2014).

Este estudo tem como objeto a assistência de enfermagem frente à violência obstétrica tendo como enfoque nos aspectos físicos e psicológicos. O interesse por essa temática surgiu durante a vivência quanto acadêmicas de enfermagem onde despertou a curiosidade de investigar como se

encontra a produção de conhecimento científico acerca da temática violência obstétrica, visto que este é um tema de interesse da maioria dos acadêmicos de enfermagem e daquelas mulheres que são ou pretendem ser mães em algum momento de sua vida.

Neste contexto, o presente trabalho, justifica-se devido à necessidade de ampliação do conhecimento acerca do tema além de incentivar reflexões sobre a importância da construção de novas estratégias para o enfrentamento da violência obstétrica pelos profissionais de enfermagem e de outras áreas da saúde, bem como a importância de continuidade em pesquisas relacionadas ao tema violência obstétrica, a fim de que a mesma seja abolida do ambiente hospitalar nos partos do mundo a fora.

Cabe destacar que uma pesquisa nacional realizada em 2010, pela Fundação Perseu Abramo mostrou que 25% das mulheres que experienciaram partos normais (nas redes pública e privada) citaram terem sofrido violências e desrespeitos durante o trabalho de parto, parto e/ou pós-parto imediato (SENA; TESSER, 2017; DA-SILVA-CARVALHO; SANTANA-BRITO, 2017). Neste sentido a questão norteadora abordada neste estudo foi: Qual a assistência de enfermagem frente à violência obstétrica tendo como enfoque os aspectos físicos e psicológicos? Com o objetivo de descrever a assistência de enfermagem frente à violência obstétrica tendo como enfoque os aspectos físicos e psicológicos.

2 MATERIAL E MÉTODO

O estudo trata-se de uma revisão integrativa de literatura, classificada como um método de pesquisa que inclui a verificação e avaliação crítica de pesquisas relacionadas que dão sustento para novas decisões, permitindo a inspeção e síntese do conhecimento de um determinado assunto e/ou de múltiplos estudos publicados, formando ideias mais fundamentadas para o exercício acadêmico e profissional (MENDES; SILVEIRA; GALVÃO, 2008).

Para a elaboração da revisão determinou-se em um primeiro momento o objetivo geral, em seguida formulou-se o questionamento a ser seguido e então foi realizada a busca para coletar a maior quantidade de pesquisas relevantes mediante os critérios de inclusão e exclusão previamente estabelecidos (MENDES; SILVEIRA; GALVÃO, 2008). Efetuou-se a análise de artigos científicos que permitiram a sintetização do conhecimento acerca do tema “Assistência de enfermagem frente à violência obstétrica: um enfoque nos aspectos físicos e psicológicos”.

A coleta de dados foi realizada no mês de março e abril de 2020 nas seguintes bases de dados on-line: Medical Literature Analysis and Retrieval System Online (MEDLINE), Literatura Latino-Americana Caribe em Ciências da Saúde (LILACS) e Bases de Dados em Enfermagem (BDENF), através do portal da Biblioteca Virtual em Saúde (BVS). Para a busca dos artigos foram utilizadas as

seguintes estratégias: 1. Violência AND Enfermagem Obstétrica; 2. Violência AND Saúde da Mulher AND Parto; 3. Assistência de enfermagem AND Parto AND Violência.

Os critérios de inclusão para a escolha da amostra foram artigos completos disponíveis na íntegra, publicados entre os anos de 2015 a 2020, disponíveis em português, inglês e espanhol e que retratam a temática abordada neste estudo. Têm-se como critérios de exclusão, editoriais, cartas ao revisor e artigos repetidos nas bases de dados utilizadas para a coleta de dados.

A partir das estratégias de busca foram encontradas 229 publicações, em seguida, após a leitura dos títulos e resumos dos artigos foram excluídos 195 artigos por não atenderem aos critérios de inclusão e exclusão anteriormente estabelecidos. Depois da análise dos artigos na íntegra foram excluídos 21 artigos, com isso 13 artigos irão compor a amostra final deste estudo. O resultado da busca nas bases de dados encontra-se descrito no Quadro 01.

Quadro 01 – Publicações encontradas entre os anos de 2015 a 2020 nas bases de dados MEDLINE, LILACS e BDEF.

ESTRATÉGIA	BASE DE DADOS	TOTAL DE ARTIGOS ENCONTRADOS	APÓS LEITURA DO TÍTULO	APÓS LEITURA DO RESUMO	APÓS A LEITURA DOS ARTIGOS NA INTEGRA	TOTAL
Violência AND Enfermagem Obstétrica	MEDLINE	05	00	00	00	00
	LILACS	22	09	05	03	00
	BDEF	17	07	04	03	02
Violência AND Saúde da Mulher AND Parto	MEDLINE	52	18	12	04	02
	LILACS	55	12	07	04	05
	BDEF	28	08	04	04	03
Assistência de Enfermagem AND Parto AND Violência	MEDLINE	21	00	00	00	00
	LILACS	15	04	02	02	01
	BDEF	14	02	00	00	00

TOTAL DE ARTIGOS INSERIDOS NA REVISÃO INTEGRATIVA (SEM REPETIÇÕES)	13
--	----

Fonte: Dados de Pesquisa (2020)

3 RESULTADOS

Este estudo evidenciou artigos de publicação nacional e internacional. No geral foram encontrados 13 artigos que fundamentam a discussão deste trabalho, do total foi destacado o título, periódico, ano de publicação e base de dados em que foi encontrado (Quadro 02). Além disso, optou-se por identificar cada artigo com um número para facilitar a compreensão e organização dos mesmos.

A partir da interpretação dos dados extraídos dos artigos selecionados e lidos na íntegra, pôde-se constatar que nove dos estudos foram publicados em periódicos nacionais e, quanto ao ano, dois foram publicados em 2015, um em 2016, dois em 2017, sete em 2018 e um em 2020, o que nos infere sobre a necessidade de pesquisas mais recentes acerca da temática em questão.

Quadro 02 – Estudos primários identificados nesta revisão integrativa.

CÓDIGO	TÍTULO	PERIÓDICO	ANO DE PUBLICAÇÃO	BASE DE DADOS
ART.01	A peregrinação no período reprodutivo: uma violência no campo obstétrico	Esc Anna Nery	2015	LILACS
ART.02	Fatores associados à humanização da assistência em uma maternidade pública	Rev. de Enfermagem	2018	BDENF
ART.03	Parto e nascimento na região rural: a violência obstétrica	Rev. de Enfermagem	2018	BDENF
ART.04	A violência obstétrica no contexto do parto e nascimento	Rev. de Enfermagem	2018	BDENF
ART.05	Cuidados de enfermagem na prevenção da violência obstétrica	Enferm. Foco	2018	BDENF
ART.06	Violência obstétrica institucional no parto: percepção de profissionais da saúde	Rev. de Enfermagem	2017	BDENF
ART.07	Discurso da violência obstétrica através das vozes das mulheres e profissionais de saúde	Texto e Contexto - Enfermagem	2017	LILACS
ART.08	O olhar de residentes em Enfermagem Obstétrica para o contexto da violência obstétrica nas instituições	Interface (Botucatu).	2020	LILACS

ART.09	Percepção de enfermeiras obstétricas acerca da violência obstétrica	Cogitare Enferm.	2018	LILACS
ART.10	Raça e violência obstétrica no Brasil	Centro de Pesquisas Aggeu Magalhães	2016	LILACS
ART.11	Violência obstétrica como questão para a saúde pública no brasil: origens, definições, tipologia, impactos sobre a saúde materna, e propostas para sua prevenção	Journal of Human Growth and Development	2015	LILACS
ART.12	Disrespect and abuse in maternity care: individual consequences of structural violence	Reproductive Health Matters	2018	MEDLINE
ART.13	When helpers hurt': women's and midwives' stories of obstetric violence in state health institutions, Colombo district, Sri Lanka	BMC Pregnancy and Childbirth	2018	MEDLINE

Fonte: elaborado pelos autores.

O quadro a seguir apresenta a síntese dos principais resultados dos estudos obtidos para a discussão deste trabalho, o mesmo apresenta o objetivo geral de cada artigo e traz os principais resultados que estes possuem.

QUADRO 03 – Síntese dos principais resultados.

CÓDIGO	OBJETIVO	RESULTADOS PRINCIPAIS
ART.01	Analisar as percepções das mulheres acerca da assistência no que se refere ao atendimento de seus direitos de acesso ao sistema único de saúde durante o processo de parto e nascimento.	Mostraram um programa recorrente para as mulheres a programação que trás três conotações a respeito do direito da ausência do cuidado e dos sentimentos vivenciados pela busca de atendimento
ART.02	Identificar fatores associados a humanização da assistência durante o trabalho de parto, parto e nascimento	Quanto a percepção para a melhoria da assistência surgiram as categorias :ambiência privacidade informação respeito e garantia do acompanhante.

ART.03	Investigar as formas de violência obstétrica na assistência prestada ao parto e ao nascimento	Ao avaliar as formas de violência obstétrica, identificaram-se cuidado indigno e abuso verbal, discriminação baseada em certos atributos (por exemplo, raça), abandono, negligência ou recusa da assistência e detenção nos serviços prestados.
ART.04	Analisar as práticas consideradas violentas na atenção obstétrica.	Foram identificadas as seguintes categorias: violência obstétrica, tipologia definições legislação. A violência obstétrica na percepção da equipe obstétrica e a violência obstétrica na percepção das usuárias.
ART.05	Identificar, na literatura científica nacional, a assistência de enfermagem na prevenção da violência obstétrica.	O enfermeiro busca em sua assistência o vínculo com a parturiente para proporcionar um parto saudável, evitando assim a violência obstétrica.
ART .06	Avaliar os saberes e práticas sobre violência obstétrica na percepção dos profissionais da saúde.	Apenas 40% dos profissionais da saúde já tiveram ou ainda têm contato com o tema violência obstétrica e apenas 15% relataram ter cometido o ato, demonstrando que o tema ainda é desconhecido pelos profissionais da saúde e vários são os motivos para a existência desse problema, como má estruturação das instituições de saúde, carga horária excessiva e falta de comunicação entre o profissional e cliente.
ART.07	Analisar os discursos de mulheres e profissionais de saúde sobre a assistência ao parto, considerando as situações vivenciadas e as interações construídas entre eles durante o trabalho de parto e parto	Os dados foram organizados em três categorias: 1) A violência obstétrica presenciada no discurso da enfermeira obstetra: que falam da dificuldade de garantir os direitos das parturientes na cena do parto; 2) Hoje tudo é violência obstétrica: mostra a negação da existência desse fenômeno na relação profissional-paciente; 3) Aqui a gente não tem voz: há presença da violência

		obstétrica, porém há certo consentimento por parte das mulheres que, na presença do nascimento, esquecem a forma da assistência recebida.
ART.08	Compreender a percepção dos residentes de enfermagem sobre violência obstétrica em uma referência do município de Belo Horizonte MG.	O estudo aponta que os residentes reconheçam a prática da violência obstétrica no processo de formação e suas repercussões para a mulher e ainda evidencie a necessidade O estudo premente de investimento institucional em espaços que promovam discussões sobre mesma.
ART.09	Conhecer a percepção de enfermeiros obstetras acerca da violência obstétrica.	As enfermeiras obstétricas percebem que a violência obstétrica acontecem de diversas formas mas não reconhecem certas práticas como violação e afirmam que as tem parturientes pouco conhecimento a cerca do tema.
ART.10	Comparar as características sócio demográficas de mulheres com foco nas mulheres negras e analisar os tipos mais comuns de agressões	Que haja uma maior discussão sobre o modelo de assistência ao parto que se pautem em um maior protagonismo da mulher nos seus desejos e nas suas histórias de vida.
ART.11	Introduzir o leitor no debate de forma a auxiliá-lo na busca sobre aspectos específicos que podem ser abordados como temas de pesquisas e intervenções	Intervenções em saúde pública que têm sido utilizadas ou propostas para prevenir a violência obstétrica.
ART.12	Demonstrar o desrespeito e o abuso de pacientes, principalmente as mulheres que dão à luz que ocorrem no setor da saúde.	Nesse artigo demonstramos como esse desrespeito e abuso são praticados em nível interpessoal em todo o contínuo de cuidados na Tanzânia. Descrevemos como e por que a exposição das mulheres ao desrespeito e abuso deve ser vista como um sintoma de violência estrutural.

ART.13	Explorar como a idade, a posição social ou a classe e os antecedentes linguísticos e culturais se cruzam e colocam as mulheres em diferentes posições de controle e vulnerabilidade à violência obstétrica.	A violência obstétrica parece se cruzar com sistemas de poder e opressão ligados a desigualdades estruturais de gênero, sociais, linguísticas e culturais no Sri Lanka. Onde, mulheres mais jovens, mais pobres e mulheres que não falava cingalês pareciam sofrer mais violência obstétrica do que aquelas com conexões sociais relevantes e melhores posições econômicas.
--------	---	---

Fonte: elaborado pelos autores.

4 DISCUSSÃO

De acordo com os artigos selecionados, pode-se considerar a violência obstétrica como um novo campo de estudo no Brasil e no mundo, mas ela sempre esteve presente tornando-se um problema para a sociedade e causando uma mobilização governamental para incentivar as boas práticas no momento do parto (SILVA *et al.*, 2018). Com isso, os atos de violência contra a mulher no momento do pré-parto, parto e puerpério são frequentemente realizados nas maternidades brasileiras e as usuárias acabam ficando habituadas a essas práticas (LEAL *et al.*, 2018).

Cardoso *et al.* (2017), ressaltaram que a violência obstétrica ocorre antes, durante e depois do parto e acontece quando o corpo da mulher e os processos reprodutivos são violados pelos profissionais de saúde através do tratamento desumanizado, abuso da medicalização entre outros, ocasionando a perda de autonomia da mulher, trazendo impactos negativos para sua qualidade de vida.

Além disso, a ausência de informação das parturientes as levam a entender que todos os procedimentos, na qual está sendo submetida, são rotinas normais da instituição e irão ajudar a salvar o feto, o que corroboram com a perda da autonomia feminina no momento do parto (RODRIGUES *et al.*, 2015). Segundo Perera *et al.* (2018) e Miltenburg *et al.* (2018), mulheres mais jovens e pobres acabam sofrendo uma maior violência obstétrica por conta de sua falta de experiência, desconhecimento das práticas hospitalares e dos procedimentos médicos realizados.

Diante disso, Oliveira e Penna (2017) nos apontam que o despreparo das mulheres para o parto vaginal interfere diretamente em seu emocional, diminuindo a confiança em seu protagonismo no parto, com isso tornam-se alvos fáceis para a violência obstétrica, por conta de sua vulnerabilidade, onde a equipe acelera o trabalho de parto por meio de técnicas invasivas como o toque vaginal.

Ainda, segundo Lima (2016) e Moura *et al.* (2018), existem diversos tipos e formas de violência obstétrica. Este autor nos aponta a manipulação de seu corpo com medicalização precoce,

tricotomia, episiotomia, pinça obstétrica, cesariana forçada e manobra de Kristeller, são práticas consideradas prejudiciais à saúde materna. De acordo com Rodrigues *et al.* (2018), essas práticas são realizadas sem o consentimento da mulher, quebrando seu poder de decisão e acabando com as boas práticas no momento do parto.

Também de acordo com Diniz *et al.* (2015) e Lima (2016), a manobra de Kristeller é uma prática que foi desenvolvida sem qualquer fundamentação científica e é frequentemente realizada pelos profissionais de saúde, a compressão do abdômen da mulher em direção à pelve no momento expulsivo, além do desconforto da dor provocada, podem gerar consequências graves como trauma das vísceras abdominais, do útero e descolamento da placenta.

Segundo Moura *et al.* (2019), a episiotomia é apontada como a mais frequente dentre as violências de caráter físico, por se tratar de um procedimento invasivo e que pode gerar consequências graves para a mulher, sendo assim, deve ser evitado sempre que possível na condução do parto. O corte vaginal acaba causando mais sofrimento do que benefícios para a mulher, além disso, não tem comprovação de sua eficácia na facilitação do parto durante a saída do feto (LIMA, 2016).

Outro tipo de violência obstétrica sofrida por mulheres é a psicológica diante da exposição às situações de abuso, as consequências podem ser danosas, uma vez que a mulher está em um momento de fragilidade emocional, a utilização de termos ofensivos, discriminatórios e difamatórios como atitudes violentas, agressões verbais levam a mulher ao descontentamento diante do parto normal e a desistir de futuras gestações (LEAL *et al.*, 2018), além disso a violência psicológica pode acontecer desde o pré-natal, com a violação do direito de escolha do tipo de parto (LIMA, 2016).

Diante disso torna-se necessário fornecer informações sobre assistência ao parto para as usuárias como rotina durante o pré-natal, de modo que o assunto possa ser explorado com calma nos meses em que a gravidez se desenvolve (CARDOSO *et al.*, 2017). As atividades educativas devem fazer parte da rotina de pré-natal e não devem ser abordadas como algo secundário, mas sim essencial para a promoção da saúde, o uso de planos de parto deve ser estimulado como recurso educativo (DINIZ *et al.*, 2015).

Além disso, Inagaki *et al.* (2018) e Menezes *et al.* (2020) apontam que a equipe de enfermagem deve oferecer apoio para que a mulher sinta-se à vontade, além de encorajá-la nos momentos de dor durante o parto oferecendo todas as condições necessárias para proporcionar um parto de qualidade com a garantia de banhos, divisões de leitos e conversas sobre a posição que deseja ficar no momento do parto. Diante disso, Moura *et al.* (2019), mostra que a equipe de enfermagem deve observar se a parturiente tem alguma dúvida ou preocupações sobre o trabalho de parto, oferecendo toda a informação necessária para sanar as dúvidas e preocupações da mesma.

Segundo Silva *et al.* (2018), com a valorização do parto humanizado, estudos destacam que houve um aumento de uso dos métodos não farmacológicos para o alívio dos sintomas da dor, nesse caso um dos métodos mais adotado foi o cavalinho associado a bola suíça, onde a mulher sentada e com bastante apoio e ajuda, movimentava a sua pelve, pois o seu método de alívio está fundamentada na movimentação da mesma. Outro método que bastante utilizado foi o banho de aspersão, pois o banho morno associado aos exercícios com a bola diminuiu muito o escore de dor. Então, os profissionais podem exercer essa assistência com a implementação desses cuidados diminuindo assim a quantidade de intervenções.

Faz-se necessário ainda a implementação do diálogo com a parturiente sobre seus direitos no momento do parto desde o pré-natal, informando inclusive o direito a um acompanhante dentro da sala de parto, garantido por lei, oferecendo mais conforto para ela pois o apoio contínuo de um acompanhante de sua confiança pode fornecer suporte emocional e diminuir os riscos de violência à qual está exposta (LIMA *et al.*, 2016).

De acordo com Leal *et al.* (2018) muitos casos de violência obstétrica ocorrem por falta de conhecimento da equipe de saúde sobre os atos, os profissionais, principalmente os enfermeiros acabam que não identificam eles como sendo uma violência contra a parturiente, as universidades devem pautar estes conteúdos em suas grades curriculares a fim de que o enfermeiro saia capaz de identificar tais atos durante sua atuação profissional.

Além disso, é necessário que o enfermeiro reconheça a individualidade de cada mulher para tornar a humanização do parto mais efetiva, percebendo, assim, as necessidades de cada uma e também as capacidades de lidar com nascimento do feto (CARDOSO *et al.*, 2017). E sempre esclarecendo possíveis dúvidas sobre o que está acontecendo ou o que irá acontecer (MOURA *et al.*, 2019).

Menezes *et al.* (2020) considera-se que a humanização, a qualidade da atenção, a adoção de medidas e os procedimentos benéficos para o acompanhamento do parto e do nascimento são fundamentais para o bem-estar das mulheres no período gravídico-puerperal. Além disso, o enfermeiro torna-se o profissional da saúde mais próximo da mulher no momento do parto, podendo reduzir medidas desnecessárias e garantir um cuidado integral a mulher e a família (MOURA *et al.*, 2019).

Contudo, em concordância com Cardoso *et al.* (2017) e Silva *et al.* (2018), a trajetória profissional permite vivenciar situações desrespeitosas e, muitas vezes, violentas o que demonstra a necessidade de mudanças no modelo da assistência obstétrica como a formação dos profissionais em obstetrícia para um maior cuidado as parturientes, pois o despreparo constitui um cotidiano comum nas maternidades, acompanhando o despreparo hospitalar com pouca estrutura para acolher as

parturientes. Com isso a equipe de enfermagem deve interferir o mínimo possível para que o parto seja realizado de forma mais natural (RODRIGUES *et al.*, 2015).

5 CONCLUSÃO

Neste estudo foi possível identificar que o parto é um momento único e também de muita força para a mulher e é intolerável qualquer ato que perturbe esse ciclo natural. Percebe-se também, que a mulher é a protagonista deste momento e os profissionais, são apenas facilitadores deste processo, onde o conhecimento pode ser usado para favorecer a fisiologia do nascimento e auxiliar quando houver alguma intercorrência.

Diante desse contexto, ressalta-se que a violência obstétrica pode ser caracterizada como física ou psicológica e é cometida dentro dos hospitais, maternidades por parte dos profissionais da saúde, principalmente enfermeiros e médicos, com isso torna-se fundamental que o enfermeiro ofereça uma assistência humanizada que respeite os direitos das mulheres na hora do parto.

Portanto, torna-se imprescindível a explicação do que está acontecendo e do que irá acontecer com a parturiente, este ato deve partir da equipe de enfermagem em sua assistência, visto que a mesma é a que está mais presente da mulher no momento de seu parto, o enfermeiro não deve criticar os atos cometidos por elas, visto que cada mulher é única e age de forma diferente no momento do parto, dar apoio nesse momento único na vida dela é fundamental. Além disso, a presença de acompanhante proporciona conforto a parturiente, bem como pode diminuir os casos de violência obstétrica, este direito que é garantido por lei a todas as mulheres deve ser tratado desde o pré-natal, com o intuito de amenizar o impacto emocional sofrido pelas parturientes no momento do parto.

REFERÊNCIAS

CARDOSO, Ferdinand José da Costa *et al.* Violência obstétrica institucional no parto: percepção de profissionais da saúde. **Revista de Enfermagem da UFPE**, v. 11, n. 9, p. 3346-3353, 2017. Disponível em: <DOI: 10.5205/reuol.11088-99027-5-ED.1109201704>. Acesso em 18 abr. 2020.

DA-SILVA-CARVALHO, Isaiane; SANTANA-BRITO, Rosineide. Formas de violência obstétrica vivenciadas por puérperas que tiveram parto normal. **Enferm. glob. [online]**, v.16, n.47, pp.71-97, 2017. Disponível em: < http://scielo.isciii.es/scielo.php?pid=S1695-61412017000300071&script=sci_abstract&tlng=pt>. Acesso em 13 set. 2020.

DINIZ, Simone Grilo *et al.* Abuso e desrespeito na atenção infantil como questão de saúde pública no Brasil: origens, definições, impactos na saúde materna e propostas para sua prevenção. **Revista de**

crescimento e desenvolvimento humano, v. 25, n. 3, 2015. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/jhgd/article/view/106080>>. Acesso em 18 abr. 2020.

INAGAKI, Ana Dorcas de Melo *et al.* Fatores associados à humanização da assistência em uma maternidade pública. **Revista de Enfermagem da UFPE**, v. 12, n. 7, p. 1879-1886, 2018. Disponível em: <<https://periodicos.ufpe.br/revistas/revistaenfermagem/article/view/231395>>. Acesso em 18 abr. 2020.

JOJOA-TOBAR, Elisa *et al.* Obstetric violence: making the invisible visible. **Rev. Univ. Ind. Santander. Salud [online]**, v. 51, n.2, pp.135-146, 2019. Disponível em: <http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S0121-08072019000200135>. Acesso em 13 set. 2020.

LEAL, Sarah Yasmin Pinto *et al.* Percepção da enfermeira obstetra acerca da violência obstétrica. **Cogitare Enfermagem**, v. 23, n. 1, 2018. Disponível em: <<https://revistas.ufpr.br/cogitare/article/view/52473>>. Acesso em 18 abr. 2020.

LIMA, Kelly Diogo. **Raça e Violência Obstétrica no Brasil**. Repositório Institucional da Fiocruz. Monografia (Programa de Residência Multiprofissional em Saúde Coletiva), 2016. Disponível em: <<https://www.arca.fiocruz.br/handle/icict/18547>>. Acesso em 18 abr. 2020.

MATOSO, Leonardo Magela Lopes. O Papel do Enfermeiro Frente à Violência Obstétrica. **Revista Ciência e Desenvolvimento**, v. 11, n. 1, 2018. Disponível em: <<http://srv02.fainor.com.br/revista/index.php/memorias/article/view/727>>. Acesso em 17 set. 2019.

MENDES, Karina Dal Sasso; SILVEIRA, Renata Cristina de Campos Pereira; GALVÃO, Cristina Maria. Revisão integrativa: método de pesquisa para a incorporação de evidências na saúde e na enfermagem. **Texto contexto**, Florianópolis, v. 17, n. 4, p. 758-764, 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-07072008000400018&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 19 set. 2019.

MENEZES, Fabiana Ramos de *et al.* O olhar de residentes em Enfermagem Obstétrica para o contexto da violência obstétrica nas instituições. **Interface (Botucatu)**, v. 24, e180664, 2020. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-32832020000100204&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 18 abr. 2020.

MILTENBURG, Andrea Solnes *et al.* Desrespeito e abuso no cuidado à maternidade: consequências individuais da violência estrutural. **Reproductive Health Matters**, v. 26, n. 53, p. 88-106, 2018. Disponível em: <<https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/09688080.2018.1502023>>. Acesso em 18 abr. 2020.

MOURA, Rafaela Costa de Medeiros *et al.* Cuidados de enfermagem na prevenção da violência obstétrica. **Enfermagem em Foco**, v. 9, n. 4, 2019. Disponível em: <<http://revista.cofen.gov.br/index.php/enfermagem/article/view/1333/480>>. Acesso em 18 abr. 2020.

OLIVEIRA, Virgínia Junqueira; PENNA, Cláudia Maria de Mattos. Discurso da violência obstétrica através das vozes das mulheres e profissionais de saúde. **Texto contexto - enferm.**, v. 26, n. 2, 2017. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-07072017000200331&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 18 abr. 2020.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE (OMS). Prevenção e eliminação de abusos, desrespeito e maus-tratos durante o parto em instituições de saúde. 2014. Disponível em: <http://apps.who.int/iris/bitstream/10665/134588/3/WHO_RHR_14.23_por.pdf>. Acesso em 17 set. 2019.

PERERA, Dinusha *et al.* When helpers hurt?: women's and midwives' stories of obstetric violence in state health institutions. **BMC Gravidez e Parto**, v. 18, n. 211, 2018. Disponível em: <<https://bmcpregnancychildbirth.biomedcentral.com/articles/10.1186/s12884-018-1869-z#article-info>>. Acesso em 18 abr. 2020.

ROCHA, Márgda Jardim; GRISI, Erika Porto. Violência obstétrica e suas influências na vida de mulheres que vivenciaram essa realidade. **Revista Multidisciplinar e de Psicologia**, v. 11, n. 38, 2017. Disponível em: <<https://idonline.emnuvens.com.br/id/article/view/931>>. Acesso em 17 set. 2019.

RODRIGUES, Diego Pereira *et al.* A peregrinação no período reprodutivo: uma violência no campo obstétrico. **Esc Anna Nery**, v. 19, n. 4, p. 614-620, 2015. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-81452015000400614&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 18 abr. 2020.

RODRIGUES, Diego Pereira *et al.* Violência obstétrica no contexto do trabalho de parto e parto. **Revista de Enfermagem da UFPE**, v. 12, n. 1, p. 236-246, 2018. Disponível em: <<https://periodicos.ufpe.br/revistas/revistaenfermagem/article/view/23523/26085>>. Acesso em 18 abr. 2020.

SENA, Ligia Moreiras; TESSER, Charles Dalcanale. Violência obstétrica no Brasil e o ciberativismo de mulheres mães: relato de duas experiências. **Rev. Interface**, v. 21 n. 60, 2017. Disponível em: <https://www.scielo.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-32832017000100209>. Acesso em 17 set. 2019.

SILVA, Francisca Martins, SILVA, Milécyo de Lima, ARAÚJO, Flávia Nunes Ferreira. Sentimentos causados pela violência obstétrica em mulheres de município do nordeste brasileiro. **Revista Prevenção de Infecção e Saúde (REPIS)**, v. 3, n. 4, 2017. Disponível em: <<http://www.ojs.ufpi.br/index.php/nupcis/article/view/6924>>. Acesso em 17 set. 2019.

SILVA, Meyrenice Cruz *et al.* Trabalho de parto e nascimento na região rural: violência obstétrica. **Revista de Enfermagem da UFPE**, v. 12, n. 9, p. 2407-2417, 2018. Disponível em: <<https://periodicos.ufpe.br/revistas/revistaenfermagem/article/view/2344440>>. Acesso em 18 abr. 2020.